

DERIVADOS VERBAIS CONSTRUÍDOS COM PREFIXOS DE LOCALIZAÇÃO DUAS REGRAS?

Catarina Vaz Rodrigues¹

Introdução

Propusemo-nos, em pesquisa anterior, a analisar a construção de derivados prefixais de localização. Constatamos então que há em português uma regra de localização constituída por variantes espaciais, temporais e hierárquicas, as quais apresentam principalmente operações categoriais nominais e adjetivas.

Partimos do princípio que a formação de palavras é basicamente um processo de relações abstratas, as operações não se dão entre “coisas” físicas, mas entre conceitos expressos pelas bases e pelos operadores. São as características dos processos cognitivos envolvidos na derivação prefixal que permitem a organização das regras, e não as marcas de espaço físico e tempo cronológico, estritamente falando. Em se tratando de substâncias físicas, o domínio primário é o espaço, mas as relações estabelecidas nesse domínio muitas vezes se dão de forma indireta. Langacker (1990 : 64-69) apresenta ocorrências que exemplificam esse processo de abstração: as partes do corpo humano constituem regiões delimitadas no espaço tridimensional somente indiretamente, em decorrência do estatuto que o corpo tem com objeto físico; capítulos, páginas e parágrafos designam regiões delimitadas em textos escritos; entretanto, um capítulo não remete a um objeto físico, mas a uma entidade abstrata. O mesmo se observa em relação ao tempo. Vocábulos como *hora*, *terça*, *mês* e *ano* caracterizam-se

¹ Professora UEM - CELGA.

como construções abstratas, criadas para medir a passagem do tempo (Langacker, 1990 : 64).

O papel essencial de uma relação de localização é situar um elemento x , cuja posição é desconhecida ou imprecisa, tendo por base um elemento de referência y (Vandeloise, 1987 : 78). Como observa Teixeira (1998 :329), para que se estabeleça uma relação de localização é necessário pelo menos dois elementos: o que é localizado e o que serve de localização. No processo de construção de palavras, a relação de espacialidade é decorrente da interação base/afixo. A noção de localização foi por isso entendida enquanto orientação, referência que permite situar X_d a partir de X_b .

A noção de localização estativa

A localização da posição de um dado elemento no espaço implica a identificação de um ponto E' em relação a um ponto base E , ou nível de base espacial, a partir do qual o locutor orienta seu discurso. Admitindo-se E como sendo o nível de base, também representado na formação de palavras por X_b , pode-se ter relações em que os derivados indicam diferentes posições (antes, acima, abaixo de X_b , etc.). Esta modalidade de localização é delimitada em relação à base, pois é a partir dela que se estabelecem as diferentes posições espaciais, tanto em relação ao seu eixo horizontal quanto ao vertical.

A localização espacial, em sentido estrito, caracteriza-se portanto como um espaço entre A e B ou como um (ou mais) ponto(s) orientado(s) em relação a um ponto de referência (X_b), e exclui diversos produtos que poderiam ser enquadrados nessa regra. Vocábulos como *extra-oficial* e *extracurricular*, assim como muitos outros com diferentes prefixos, embora indiquem, neste caso, “ X_d que está fora de X_b ”, não se constituem em derivados propriamente espaciais. Os exemplos citados acima referem-se ao mundo concreto, cujas coisas físicas representam protótipos das categorias. Contudo, uma caracterização operacional não pode ser aplicada simultaneamente aos membros centrais e aos periféricos sem modificações para ambos; por isso toda caracterização deve se esquemática, ainda que porventura privi-

legie aspectos físicos (Langacker, 1990 : 63). Assim, se a classificação acima for tomada não como limitada a lugares e coisas físicas, o que implica uma restrição a todos os derivados que não se enquadram nas condições expressas, mas como relacionável também às bases que são prototipicamente periféricas, ou que apresentam, como Kleiber (1984) postula, semelhança de família, poder-se-á dar conta, por exemplo, de derivados tais como *antetônica*, *extraconjugál* e *extraliverrário*. A localização abrange, sob essa perspectiva, um ponto de referência que remete tanto a espaço físico quanto jurídico, cultural, político, etc., o que permite a inclusão na regra de derivados cujo nível de abstração escapa ao concreto. Em suma, foram classificadas como sendo de lugar as bases que apresentaram as características acima esboçadas, ou que a elas se relacionaram por associação.

Caracterizamos a localização, portanto, como sendo um espaço/lugar entre A ou B ou como um (ou mais) ponto(s) orientado(s) em relação a um dado ponto/limite (entre x , antes de x , depois de x , etc.). O que está em jogo, em ambos os casos, é a relação de caráter estático que caracteriza o espaço entre A e B ou a localização de x em relação a x' .

Excluimos da análise, conforme se observa nos dados citados (cf. Rodrigues, 1998), a noção de movimento, considerando, em um primeiro momento, que posição e movimento são duas noções divergentes. Uma vez que os prefixos que constróem derivados de localização estativa também constróem derivados indicativos de movimento, estabelecemos como objetivo verificar se derivados verbais indicativos de movimento pertencem à regra de localização. Para tanto procuramos caracterizar a noção de movimento, os tipos de base e de afixos com que opera.

Repensando a noção de localização

Numa concepção cognitivista, a relação entre linguagem e espaço tem por base uma estrutura conceitual e uma representação espacial. A estrutura conceitual é uma representação "algébrica" na medida em que é construída a partir de traços primitivos discretos e

funções. Admite, contudo, análises com base em semelhança de família, uma vez que determinados traços e determinadas relações entre os traços têm características contínuas, ou seja, análogas, as quais permitem formulações com base na semelhança de família. A estrutura conceitual caracteriza-se por fornecer representações referentes a todos os domínios cognitivos (Bierwisch, 1996 : 45).

A representação espacial consiste na codificação dos objetos e suas configurações no espaço (Jackendoff, 1996 : 8-9). É um domínio específico, que representa propriedades que estão ligadas estritamente à experiência espacial. A representação espacial tem, entre outras, as seguintes características:

- a) Lugares (locations) podem ser ocupados por diferentes entidades espaciais, tais como objetos, regiões, substâncias ou eventos, de forma que uma dada localização de x (Loc x) é uma função que designa a qualquer entidade x seu lugar no espaço;
- b) Loc x pode ser tempo-dependente, caso designe uma posição de x em um tempo t ;
- c) Localização implica orientação, destacando-se: i. a dimensão vertical que tem por base a gravidade; ii. a origem ou observador e a posição ou movimento do(s) objeto(s) (Bierwisch, 1996 : 45).

Em termos cognitivos, a representação espacial abrange, assim, tanto o lugar que os “objetos” ocupam uns em relação aos outros quanto a trajetória que percorrem quando mudam de lugar.

A questão que surge das colocações feitas é como representamos a noção de espaço na linguagem ou, mais especificamente, como a noção de estaticidade e de movimento são representados em termos de formação de palavras. Em um primeiro momento, surgem duas hipóteses: considerando que estaticidade e deslocamento são noções divergentes, podemos levantar a hipótese de estar diante de uma regra autônoma de deslocamento, a qual se caracterizaria por apresentar operações categorial e semântica específicas. Entretanto, se levarmos em consideração que ambas as noções relacionam-se à cognição espa-

cial (Jackendoff, 1996 : 10-11), não podemos descartar a hipótese de pertencerem a uma mesma regra.

Localização espacial de deslocamento

A noção de movimento mostra-se bastante complexa, e pode ser considerada numa perspectiva restrita, caso em que o movimento é mecânico (local), ou generalizada, se o movimento implicar qualquer mudança substancial ou acidental, seja ela qualitativa ou quantitativa (Logos, 1991 : 1014). Ambas as possibilidades estão associadas ao fator tempo, conforme veremos a seguir.

Temos movimento, por exemplo, quando:

- a) caminhamos, visto nos deslocarmos no espaço (caso em que o elemento que se desloca não sofre nenhum tipo de alteração em sua forma ou estrutura);
- b) batemos palmas, pois as mãos se tocam e se afastam em movimentos sucessivos (apenas uma parte do corpo se desloca);
- c) a água ferve, pois suas moléculas se deslocam (caso em que há mudança da estrutura física do elemento que está em movimento).

Considerando que a oposição entre estaticidade e deslocamento no espaço está na origem da questão que originou o presente trabalho, iniciamos nosso estudo com a análise dos verbos que expressam deslocamento, ilustrada pelo primeiro exemplo. A noção de movimento pode ser definida, nesse caso, como a seqüência de lugares ocupados por um dado elemento (x) em diferentes pontos do eixo do tempo (Bierwisch, 1996 : 44), sendo que essa mudança de lugar não implica nenhuma modificação da forma ou da substância de x (Boons, 1987: 5). Entretanto, apenas esse critério não permitiria estabelecer uma distinção entre verbos que se distinguem pela duração, tais como:

- i) *Pedro caminha pelo jardim*, que apresenta continuidade temporal;
- ii) *Maria pula corda*, que indica reiteração e
- iii) *José chegou*, que é pontual.

Nos exemplos acima, a duração permite estabelecer uma distinção entre contínuo ou descontínuo e pontual.

O movimento, enquanto deslocamento² no espaço, caracteriza-se por apresentar uma *origem* e desenvolver uma trajetória, que se constitui pela seqüência de lugares ocupados por um corpo no espaço em diferentes momentos do eixo do tempo, a qual conduz a um *termo* em relação a um ponto de referência/limite (Vandeloise, 1987 : 85-86). Os verbos de deslocamento focalizam algum(s) desses traços. *Partir* indica a origem do deslocamento, enquanto *caminhar* e *chegar* focalizam respectivamente trajetória e termo.

A noção de deslocamento implica assim:

t1, t2, t3 ... tn linha do tempo

l1, l2, l3 ... pn percurso espacial (Ramchand, 1997 : 117).

Os verbos de deslocamento operam normalmente com um argumento na posição do sujeito (objeto que se desloca (MovO)), cuja integridade física não se altera (IntgrO), sendo portanto, “o mesmo objeto (e não uma parte dele) que se relaciona a todos os subeventos”. (Ramchand, 1997 : 117).

Alguns prefixos tanto entram em construções indicativas de estatidade quanto de deslocamento espacial. Em derivados tais como *sobrevoar*, *sobrepairar* e *sobrenadar*, as bases *voar*, *pairar* e *nadar* caracterizam-se por focalizar traços de deslocamento no espaço. A base *voar* implica um elemento/objeto na posição de sujeito, o qual ocupa diferentes lugares no espaço em diferentes momentos temporais, e cuja integridade não se altera. Ou seja, o objeto segue um determinado percurso espaço-temporal, e não sofre alteração de forma ou de estrutura física no decorrer do deslocamento. Caracteriza-se assim por apresentar traços de [+trajetória], [+duração], [+continuidade] e [+IntegrO].

² Vários autores, como Vandeloise (1987:87) fazem distinção entre verbos de deslocamento (ir, vir, chegar, partir, subir, etc.) e verbos de modo de deslocamento (caminhar, por exemplo). Considerando que ambos os grupos são passíveis de estabelecer uma relação de localização espacial foram reunidos sob a denominação genérica de verbos de deslocamento.

Em relação à estrutura argumental, *voar* não exige um localizador: *voa lentamente*; *voa a 11 mil metros*. Contudo, ele existe sempre que o verbo for empregado com uma preposição: *Voa para o Marrocos*; *voa de Curitiba a São Paulo*; *voa sobre a água*. A ausência de um localizador, nesse caso, gera enunciados agramaticais tais como:

- a) * *voa para*;
- b) * *voa sobre*.

Sobrevoar apresenta traços coincidentes com os traços da base. Contudo, distingue-se desta pelos traços [+referência], [+acima de] e [+localização]: *sobrevoar* implica um elemento *x* que *voa acima de y*. *Sobrevoar*, assim como as bases que são seguidas de preposição, exige portanto um ponto de referência, um localizador:

ele sobrevoa a cidade / o local do acidente.

A ausência de um elemento de um localizador, tal como ocorre em relação às bases preposicionadas, gera enunciados agramaticais:

- a) * *ele sobrevoa*.

O mesmo ocorre se a preposição que acompanha a base for utilizada com o derivado, uma vez que a forma derivada apresenta a estrutura do sintagma verbal modificada em relação à base:

- a) *voa sobre a cidade*;
- b) * *sobrevoa sobre a cidade* (caso em que a preposição torna-se redundante);
- a) o pássaro *voa de um galho para o outro*;
- b) * o pássaro *sobrevoa de um galho para outro* (de... para... implica uma trajetória entre dois pontos, o que é incompatível com o valor semântico do verbo derivado).

Em *sobrepassar*, a base tanto indica deslocamento lento quanto posição em relação a *x*, e apresenta um localizador nos casos em que vem acompanhado de preposição:

- a) *...uma névoa subtil pairava acima dos pântanos*. (Coelho Neto, Treva, p. 322);

- b) "*Paira no silêncio do espaço a alma das gerações mortas.*" (Afonso Arinos, *Histórias e Paisagens*, p. 98);
- c) *O mistério do tempo parecia pairar sobre a noite* (José Conde, *Tempo Vida Solidão*, p. 63).

Sobreparar, por sua vez, apresenta os traços [+acima de] e [+localização]:

- a) "*Era como um espírito sobreparando a tantas miserabilidades*" (João Alphonsus, *Eis a Noite!*, p. 81);
- b) *o planador sobreparava aos morros; quanto aos invejosos, sobreparava-lhes serenamente* (DL³);
- c) *o interesse público deve sobreparar a qualquer espécie de interesse partidário* (corpusSãoCarlos).

O operador, ao unir-se à base, modifica a estrutura do sintagma verbal:

- a) * sobreparava sobre a noite;
- b) * sobreparava acima das perfídias;
- c) * sobrepara no silêncio do espaço a alma das gerações mortas.

Nos dois primeiros casos, a preposição torna-se redundante; no último a preposição *em* implica "estar no lugar x", enquanto *sobreparar* implica "estar acima de". Os exemplos evidenciam a alteração sofrida pelo valor semântico da base no processo derivacional, bem como as modificações que o prefixo acarreta à seleção dos argumentos.

No derivado *sobrenadar*, a base *nadar* pode ser utilizada sem a presença de um localizador: *nada muito bem, nada diariamente*. Acompanhado de preposição indica a origem e/ou o termo do deslocamento: *nada de x até y; nada até / para a costa*. Aurélio cita exemplos tais como:

³ Todos os exemplos citados foram extraídos do Dicionário Aurélio (1998); outros exemplos têm sua fonte citada. No caso acima, utilizamos DL para indicar o *Dicionário Prático de Regência Verbal* publicado por Luft (São Paulo: Ática, 1997).

- a) *Sustentar-se e mover-se sobre a água por impulso próprio: "tinha ímpetos de nadar atravessando o rio" (Inglês de Sousa, O Missionário, p. 205);*
- b) *Percorrer (nadando): Nada longas distâncias.*
 A forma derivada *sobrenadar* indica nadar em cima; boiar, sustentar-se à superfície da água ou de outro líquido (DL). Exemplos:
- a) *Andar ou mover-se à tona da água; boiar, flutuar: "O balde bate n'água, sobrenada um pouco, enche-se, vai ao fundo." (Guido Vilmar Sassi, Piá, p. 11.);*
- b) *... de saber, de títulos, a sobrenadar em águas tão furiosas, perdeu o fio do... (corpusSãoCarlos);*
- c) *Só forcejei por sobrenadar alto em mente o mando daquela vizinha .(corpus São Carlos).*

Embora *nadar* seja citado nos dicionários com o sentido de *sobrenadar*, a base focaliza o deslocamento na água sendo que o elemento que se desloca deve ser sempre [+animado], enquanto que o derivado implica manter-se à superfície, podendo ter na posição do sujeito um objeto com o traço [-animado].

- a) * *sobrenada* longas distâncias;
- b) * *sobrenada* de uma margem à outra;
- c) * *tinha ímpetos de sobrenadar* atravessando o rio;
- d) * o balde bate n'água, nada um pouco (...).

Os verbos *sobrevoar*, *sobreparar* e *sobrenadar* se caracterizam por indicar o deslocamento de um objeto em relação aos diferentes pontos do espaço que ocupa em relação ao eixo do tempo. Nos exemplos vistos, as formas construídas com o operador *sobre-* estabeleceram uma relação entre um objeto que se desloca e um elemento de referência, o localizador, o que nos permite concluir que bases indicativas de deslocamento constroem derivados de localização com esse operador.

Alguns verbos expressam apenas o deslocamento de uma parte do objeto. Vandeloise observa (1987 : 85) que, quando esse fato ocorre, o movimento deve ser avaliado em relação a um sistema de refe-

rência intrínseco, ligado à porção imóvel da entidade móvel. A questão que se coloca é se há, nesse caso, uma relação de localização como se observou em relação aos derivados em que todo o objeto se desloca.

Exemplificam esse processo verbos tais como *sobreerguer*. A base *erguer* apresenta os traços [+deslocamento vertical], [+espaço], [+trajetória] e [+pontualidade], conforme se observa nos seguintes enunciados:

- a) *Quando o sacerdote ergue a hóstia, os fiéis ajoelham;*
- b) *Erguer a cabeça.* (tornar ereto; endireitar, levantar);
- c) *Erguer os olhos, a vista.* (dirigir para o alto).

O derivado *sobreerguer* apresenta, além dos traços da base *erguer*, o traço [+acima de], aportado pelo afixo. Estabelece-se, a partir daí, uma relação de localização entre o elemento que efetua o deslocamento (x), o elemento deslocado (x') e o localizador (y):

- a) *Sobreergue a cabeça aos que o rodeiam.*

Verbos construídos com o prefixo *circum-* também indicam deslocamento, conforme se observa em relação a derivados tais como *circunavegar*, *circunvagar* e *circungirar*. As bases desses derivados são marcadas por traços de [+trajetória], [+continuidade], [+integr.O] e [+espaço], conforme se observa em relação a *navegar*:

- a) "Os asteques,(...) navegaram todos os mares" (Eça de Queirós, Cartas Familiares e Bilhetes de Paris, p. 132).

Circunavegar apresenta, além dos traços presentes na base, os traços [+ em torno de] e [+localização]:

- a) ... Magalhães, o primeiro a *circunavegar* a Terra provando que ela era redonda. (*corpus* São Carlos)
- b) ... França cem mil francos por *circunavegar* a Torre Eiffel. Distribuiu o dinheiro ... *corpus* São Carlos)

O prefixo *circun-* traz aos vocábulos construídos uma especificidade que causa uma série de restrições semânticas à base. O traço [+em torno de], aportado pelo afixo, elimina a possibilidade de construções como as que se seguem e explicita uma seleção semântica específica operada pelo afixo:

- a) navega ao sabor dos ventos;
- b) *circunavega ao sabor dos ventos;
- a) navegavam a rumo de noroeste;
- b) *circunavegam a rumo de noroeste.

O derivado *circunvagar* apresenta traços de [+trajetória], [+continuidade], [+integridade do objeto], [+espaço], [+em torno de] e [+localização]; tem como base *vagar*, a qual entra em construções tais como:

- a) *Movimentar-se, oscilar sem rumo: Com o leme partido, o barco vagava;*
- b) *Andar sem destino: vagar nas ruas / pela cidade (DL);*
- b) *Correr, vaguear: vagar a vista (ou o olhar) os olhos pela paisagem (DL).*
- c)

Observa-se que não há oposição entre base e derivado quando utilizadas no sentido de andar sem destino :

- a) *Aflito, passou a noite vagando; " Vaguei pelas ruas e reccolhi-me às nove horas." (Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas, p. 179);*
- b) *circunvagava sem rumo; circunvagava pelas ruas (DL).*

Contudo, a distinção é nítida quando o sentido é o de percorrer:

- a) *"Ia vagando o mundo. / À procura da terra do Eldorado." (Fontoura Xavier, Opalas, p. 125.);*
- b) *Ia circunvagando o mundo.*

Enquanto no primeiro exemplo *vagava* não indica um percurso definido, no segundo, o traço [+em torno de], aportado pelo afixo, implica o deslocamento de *x* em torno de *y*.

Enunciados tais como: *"Ele circunvagou os olhos por todas aquelas caras compungidas, como a pedir piedade" (Macedo Miranda, Pequeno Mundo outrora, p. 43)* permite distinguir o deslocamento de todo o constituinte (ele *circunvagou* a ilha) do deslocamento de apenas uma de suas partes. O verbo deixa de ser durativo, traço que ca-

racteriza o deslocamento de todo o elemento que se move, para ser pontual no caso em que apenas uma de suas partes se desloca.

Construções análogas às citadas ocorrem com outros prefixos de localização, quer sejam estativos e/ou de deslocamento. Prefixos tradicionalmente classificados como sendo de movimento, tais como *des-* (deslocamento de um interior para um exterior) e *retro-* (deslocamento de retorno a um limite) apresentam raros derivados indicativos de localização espacial.

Considerações finais

Observa-se que, embora estaticidade e deslocamento sejam a princípio noções distintas e mesmo antagônicas, ambas pertencem ao mesmo quadro cognitivo e ambas têm uma função comum, que é a de localizar espacialmente. Os prefixos, como as preposições, tanto podem localizar um elemento em movimento quanto estático. Os traços referentes à localização de um deslocamento, tais como origem, trajetória, termo, tempo, e manutenção da forma e/ou substância do elemento móvel, também se manifestam no processo prefixal.

Considerando que o papel essencial de uma relação de localização é situar, constata-se que tanto as construções prefixais estativas quanto as de deslocamento cumprem essa função. A paráfrase que caracteriza os verbos de deslocamento e de modo de deslocamento apresenta-se compatível com a paráfrase genérica “que se localiza em relação a” que define a regra de formação de palavras de localização. Incluímos nessa regra, portanto, os derivados verbais. Tem-se assim uma regra de localização espacial, a qual se subdivide em localização estativa e de deslocamento.

REFERÊNCIAS

- BIERWISCH, M. *How much space gets into language?* In: BLOOM, M. et al. (Ed). *Language and space*. Cambridge - Massachusetts, The MIT Press, 1996. p. 31-76.
- BOONS, Jean-Paul. *La notion sémantique de déplacement dans une classification syntaxique des verbes locatifs*. *Langue Française*, n. 76, p. 5-40, 1987.
- GIRY-SCHNEIDER, J. *Les compléments nominaux des verbes de parole*, *Langages*, n. 115, p. 103-125, 1994.
- GROOS, G. *Classes d'objets et description des verbes*. *Langages*, n. 115, p. 15-30, 1994.
- HUUMO, T. *Bound spaces and the semantic interpretation of existentials*. *Linguistics*, n. 34, p.295-328, 1996.
- JACKENDOFF, R. *The architecture of the linguistic-spatial interface*. In: BLOOM, M. et al. (Ed). *Language and space*. Cambridge - Massachusetts, The MIT Press, 1996. p. 1-30.
- KLEIBER, George. (1984a) *Polysémie et référence: la polysémie, un phénomène pragmatique?* *Cahiers de Lexicologie*, v. 44, n. 1, p. 85-103.
- LANGACKER, R.W. *Mouvement abstrait*. *Langue Française*, n. 76, p. 59-76, 1987.
- LIPSKY, A. *Définition du verbe et types de procès*. In: BASSET, Louis e PÉRENNEC, Marcel. *Les classes de mots*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon : 1994. p 267-284
- LUCY, J. A. *The role of semantic value in lexical comparison: motion and position roots in Yucatec Maya*. *Linguistics*, n. 32, p. 623-656, 1994.
- MANDLER, J. M. *Preverbal representation and language*. In: BLOOM, M. et al. (Ed). *Language and space*. Cambridge - Massachusetts, The MIT Press, 1996. p. 365-384.
- PEDERSEN, B. S. *Danish motion verbs: syntactic alternations and the hypothesis of semantic determination*. *Nordic Journal of Linguistics*, v. 20, n. 1, p. 63-89, 1997.
- PETERSEN, M.A. et al. *Space and language*. In: BLOOM, M. et al. (Ed). *Language and space*. Cambridge - Massachusetts, The MIT Press, 1996. p. 553-577.
- PETRONIO, K. *Bare noun phrases, verbs and quantification in ASL*. In: BACH, E. et al. (Ed). *Quantification in natural languages*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1995.

RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva. (1986) *Contribuição para o estudo da especificidade morfo-lexical dos sufixos: os sufixos -aria*. *Biblos*, v. 62, p. 305-364.

_____. (1991) Morphologie des adjectifs portugais en -ado. *Lexique*, n. 10, p. 241-267.

_____. (1993a) *Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos*. Coimbra. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

_____. (1993b) Para uma teoria da formação de palavras em português: análise dos locativos não-deverbais. In: *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas* (1989 : Santiago de Compostela). La Coruña: Fund. Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa. v. 5, p. 869-891.

_____. (1995) Semântica derivacional e construção de sentido. *XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Palermo. p. 18-24.

_____. (1998) Operações e paradigmas genolexicais do português. *Filologia e Linguística*, n. 2. (no prelo)

ROSEN, S. T. *Events and verb classification*. *Linguistics*, n. 34, p. 191-223, 1996.

TEIXEIRA, J. *Verbos de movimento e configuradores espaciais*. Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, v. II, p. 329-338, 1998.

TVERSKY, B. Spatial perspective in descriptions. In: BLOOM, M. et. al. (Ed). *Language and space*. Cambridge - Massachusetts, The MIT Press, 1996. p. 463-491.

VANDELOISE, C. *La préposition à et le principe d'anticipation*. *Langue Française*, n. 76, p. 77-111, 1987.